

UTILIZAÇÃO DO RECURSO DE OFICINA PEDAGÓGICA PARA EDUCAÇÃO SEXUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Anna Clara Targino Moreira Spinelli (1); Pietra Rolim Alencar Marques Costa (1).

¹Licenciandas em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba, UFPB. E-mail: anna_clarasp@hotmail.com.

Resumo: É sabido que existem diversas metodologias e recursos que desempenham um papel positivo quando o objetivo é enriquecer o processo ensino-aprendizagem. Dentro desse contexto o professor desempenha um papel decisivo na medida em que precisa desenvolver meios de dinamizar a assimilação de conteúdos por parte dos alunos. A metodologia de oficinas pedagógicas é um bom meio para tratar os temas transversais, os quais estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) há pouco tempo, como a sexualidade, tema que gera bastante curiosidade principalmente nos jovens. Para alcançar os objetivos propostos, o método utilizado para o desenvolvimento da oficina foi o Método Investigativo, que tem como finalidade a aprendizagem através de situações problema, buscando informar sobre a mudança de nomenclatura de “DST” para “IST” no contexto da diferença entre portador e doente; promover reflexões acerca das ISTs através da problematização por intermédio de estudos de casos; advertir os alunos sobre as principais vias de transmissão das ISTs e AIDS e o principal método de prevenção ao contágio e propiciar a sensibilização da comunidade escolar através da produção de cartazes pelos alunos após a oficina, e exposição nos corredores da escola. A oficina temática permitiu a diversificação do estímulo da aprendizagem, visto que possibilitou aos alunos sair da rotina de aulas expositivas e participar de uma atividade que tratava de um tema que os interessava por fazer parte de seu cotidiano. A partir de debates e problematizações que resultariam em construir e organizar o conhecimento de forma clara e coesa, e utilizar esse novo conhecimento resignificado para promover a conscientização dos demais alunos do ambiente escolar através de cartazes.

Palavras-chave: Oficina pedagógica, educação sexual, relato de experiência.

Introdução

A metodologia utilizada pelo educador pode exercer uma grande influência sobre a relação do estudante com o conteúdo, e conseqüentemente, sobre o processo ensino-aprendizagem. O “como fazer?” irá depender, em grande parte, não só do assunto abordado, mas também da turma com a qual se está trabalhando. Dentro desse contexto o professor desempenha um papel decisivo na medida em que precisa desenvolver meios de dinamizar a assimilação de conteúdos por parte dos alunos (SOUSA, 2016).

É sabido que existem diversas metodologias e recursos que desempenham um papel positivo quando o objetivo é enriquecer o processo ensino-aprendizagem. No presente trabalho se dará destaque a utilização das oficinas pedagógicas como uma estratégia eficaz no auxílio da comunicação-apreensão dos conteúdos, e como um meio de aprendizado não só para o educando, mas também para o educador. Moita e Andrade (2006) consideram as oficinas pedagógicas como:

As oficinas pedagógicas são situações de ensino e aprendizagem por natureza abertas e dinâmicas, o que se revela essencial no caso da escola pública – instituição que acolhe indivíduos oriundos dos meios populares, cuja cultura precisa ser valorizada para que se

entabulem as necessárias articulações entre os saberes populares e os saberes científicos ensinados na escola (MOITA; ANDRADE, 2006, p. 11)

Desse modo, na oficina pedagógica o educando tem a oportunidade de articular os saberes que já possui com o saber científico contribuindo para uma aprendizagem significativa, e, considerando o estudo da biologia, essa relação se torna ainda mais necessária. Além disso, por meio da discussão, esse tipo de prática trabalha as relações interpessoais dentro do ambiente escolar e possibilita a integração das diversas opiniões e pontos de vista, sendo um meio muito rico de aprendizagem, uma vez que o Brasil é um país que abriga uma grande multiculturalidade.

Aproveitando que as ciências em geral, especialmente a biologia, englobam assuntos muito próximos da realidade dos educandos, o professor pode utilizar desta prática para despertar o interesse da turma pelo conteúdo, gerando questionamentos que possam ser articulados com o cotidiano dos mesmos.

Para os participantes das oficinas, elas são um meio de complementação, atualização e aquisição de conhecimento a partir de um conteúdo específico, transmitido de forma rápida, prática, dinâmica e de fácil assimilação; é também um espaço onde podem ser produzidos novos conhecimentos, e uma forma de se estar em contínua aprendizagem, fixando conteúdos. (FONSECA; MENDES, 2012, pág. 1).

De acordo com Souza (2016), Fonseca e Mendes (2012) e Moita e Andrade (2006) a aplicação de oficinas pedagógicas também configura uma prática bastante enriquecedora para o educador que a decide utilizar, contribuindo para o processo de formação dos mesmos.

A metodologia de oficinas pedagógicas é um bom meio para tratar os temas transversais, os quais estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) há pouco tempo, como a sexualidade, tema que gera bastante curiosidade principalmente nos jovens visto que ultrapassa os muros da escola, estando presente nas conversas entre meninos e meninas, é tema de músicas, danças e brincadeiras que recreiam a juventude (ALTMANN, 2000).

No que tange a sexualidade, um dos temas que podem ser considerados de saúde pública são os altos índices de Infecções Sexualmente Transmissíveis e de gravidez entre jovens em faixa etária escolar. Dentre essas infecções sexualmente transmissíveis destaca-se o HIV. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), das 30 milhões de pessoas infectadas pelo HIV no mundo, pelo menos um terço tem entre 10 e 24 anos. No Brasil, 13,4% dos casos diagnosticados entre 1980 e 1998 foram em adolescentes (BRASIL, 2007).

A partir do ano de 2008 o Ministério da Saúde implantou o Programa Saúde na Escola (PSE) que tem, como principal objetivo, a integração do sistema de saúde com as redes da educação para que, assim, sejam realizadas ações preventivas e de intervenção na área da saúde, destinadas à população de escolares. (SILVA et al, 2016, p.4296)



Apesar da atual facilidade de se obter informações a partir dos meios de comunicação, o professor ocupa um papel importante no que se refere à conscientização dos estudantes e até mesmo na orientação das fontes que estes utilizam para sanar dúvidas sobre o tema. Para Dimenstein (1999) o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola: quanto maior a escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra infecções sexualmente transmissíveis. Percebe-se então que a escola possui papel importante na formação e na orientação desses jovens quando se trata da prevenção de tais doenças.

Visto o exposto, a utilização da oficina pedagógica para o ensino de Educação Sexual teve como objetivo discutir a temática Infecções Sexualmente Transmissíveis/AIDS com foco na promoção à saúde e de condutas preventivas com alunos de uma escola pública de João Pessoa, buscando informar sobre a mudança de nomenclatura de “DST” para “IST” no contexto da diferença entre portador e doente; promover reflexões acerca das ISTs através da problematização por intermédio de estudos de casos; advertir os alunos sobre as principais vias de transmissão das ISTs e AIDS e o principal método de prevenção ao contágio e propiciar a sensibilização da comunidade escolar através da produção de cartazes pelos alunos após a oficina, e exposição nos corredores da escola.

Metodologia

A oficina foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino e Médio localizada na cidade de João Pessoa - PB. A escola conta com 233 matrículas, no entanto apenas 36 alunos participaram da oficina, visto que a mesma foi executada nas 2º e 3º séries do Ensino Médio em duas horas aula conjunta (45 minutos cada aula) totalizando 90 minutos.

As atividades foram divididas em três momentos. O primeiro consiste na investigação dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre as DST e explanação sobre a nova nomenclatura IST. O segundo momento consta na leitura e debate dos estudos de caso, e por fim, o terceiro momento com a produção dos cartazes para sensibilização.

Para alcançar os objetivos propostos, o método utilizado para o desenvolvimento da oficina foi o Método Investigativo, que tem como finalidade a aprendizagem através de situações problema ou enigmas com o propósito de estimular nos alunos o desenvolvimento de habilidades que envolvam a cognição em todas as áreas do conhecimento (LIMA, 2012).

A abordagem utilizada para desenvolvimento desta pesquisa é a abordagem qualitativa, a qual tem como objeto de estudo os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas



relações sociais (GODOY, 1995), partindo desse pressuposto, se trata de uma pesquisa onde é levado em consideração o ponto de vista dos sujeitos envolvidos.

Para o diagnóstico da contribuição da oficina, através da forma de autoaplicação (VIEIRA, 2009), questionários foram entregues aos alunos para que os mesmos respondessem. As análises dos dados coletados através dos questionários, seguiu o proposto por Bardin (1977), visto que o conteúdo de uma comunicação permite ao pesquisador qualitativo uma variedade de interpretações, passando por uma fase de pré-exploração do material ou leituras flutuantes, a seleção das unidades de análise e o processo de categorização e sub-categorização (CAMPOS, 2004).

Resultados e Discursão

De início, na apresentação da proposta da oficina, os alunos se mostraram bastante interessados visto que é uma temática que reflete as curiosidades pertinentes à juventude, suas preocupações e ansiedades (BRASIL, 1997). A fim de trabalhar com os conhecimentos prévios dos alunos, os mesmos foram questionados quanto ao conceito de DST e quais as doenças que eles mais conheciam. Essa prática permite alcançar o que Ausubel (1963) denomina de Aprendizagem Significativa.

Neste momento, constatou-se que todos tinham conhecimento do significado da sigla DST. As doenças mais citadas foram: AIDS, gonorreia, herpes. Visto o cenário apresentado, através de uma situação de diálogo, as mediadoras começaram a promover a problematização referente ao termo “Doenças Sexualmente Transmissíveis” a fim de resignificar esse termo visto que uma pessoa pode estar infectada, mas não apresentar o quadro clínico da doença. Portanto, objetivou-se neste momento apresentar aos alunos que o termo mais correto é Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), conforme pode ser visto na Figura 1.

Figura 1 – Momento de apresentação da proposta da oficina e problematização referente ao termo “Doenças Sexualmente Transmissíveis”.



Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

Após esse momento, iniciou-se a dinâmica. Os alunos distribuíram-se em grupos, e estudos de caso diferentes foram distribuídos aleatoriamente, para que os alunos lessem, debatessem e indentificassem à que tipo de ISTs a situação fictícia se referia, e propor atitudes que os envolvidos no texto deveriam tomar diante da situação apresentada. Essa situação possibilitou a discussão e análise dos dados pelos alunos para encontrar possíveis soluções para o problema (STUART; MARCONDES, 2008). Os estudos de caso referiam-se às ISTs mais comuns como AIDS, Gonorréia, Hepatites Virais, Herpes e Sífilis. Quanto a esta última, foi enfatizada a relevância do conhecimento das vias de transmissão e os métodos de prevenção visto o surto que o Brasil está passando atualmente. Após explicação das mediadoras, os discentes começaram a discutir entre si sobre os textos que estavam lendo, como pode ser visualizado na Figura 2.

Figura 2 – Grupos de alunos debatendo sobre o estudo de caso.

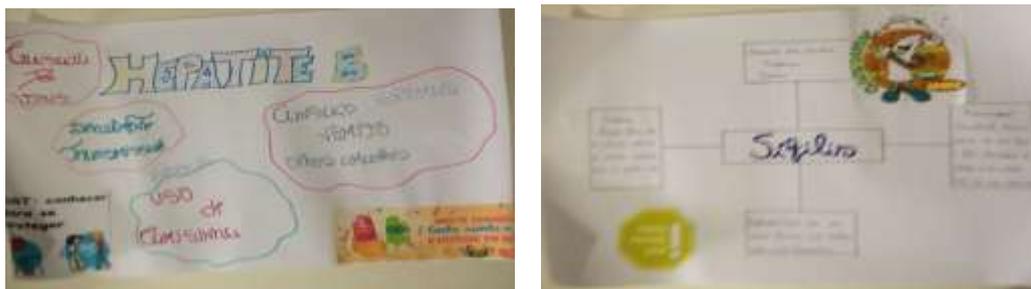


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Posteriormente, ao fim do debate entre os grupos, foi solicitado que cada um lesse a situação específica, e falasse sobre seus palpites. Nesse percurso, todos os alunos se envolviam e discutiam suas opiniões e as informações lidas, e as mediadoras iam dirigindo as discussões e fazendo as devidas correções e respondendo a todos os questionamentos que surgiam. Ao fim dos debates, para a IST de cada estudo de caso específico, houve uma explanação com a utilização de um álbum seriado, sobre as principais vias de contágio, sintomas e métodos de prevenção.

Como fim da atividade foi solicitado que os grupos construíssem cartazes de conscientização sobre as infecções com informações sobre o agente etiológico da doença, as vias de transmissão e contágio, principais sintomas e métodos de prevenção. Resultando em cartazes bem explicativos, como é visto na Figura 3.

Figura 3 – Cartazes construídos pelos alunos.



Fonte: Dados de pesquisa, 2017.

O questionário referente ao assunto específico de ISTs foi aplicado na semana seguinte à realização da oficina. Quando questionados se havia diferença entre os termos DSTs e ISTs, a maioria (89%) afirmou haver diferença e uma minoria (11%) afirmou não haver diferença.

O universo de justificativa mais representativa foi “nomenclatura” com 66%, com respostas que se referiam, de uma forma geral, a mudança das palavras “doença” e “infecção”, como pode ser observado nas seguintes respostas: “O DST é a doença sexualmente transmissível e o IST é a infecção sexualmente transmissível” e “D e o I. Com o D, doença sexualmente transmitida, esse era o nome, mais agora é IST (infecções sexualmente transmitida)”.

Para o universo “cura”, as respostas foram “Sim. A diferença é que a doença não tem cura e a infecção existe cura”, “Doenças sexualmente transmissíveis são mais difícil de tratar, já a infecção não” e “Sim, a DST tem tratamento mas não cura até o momento, já a IST tem cura”. Observa-se que por ter sido apresentado na oficina uma nova nomenclatura, IST, e os métodos de prevenção e sintomas foram trabalhados em cima disso, o aluno associa o seu “antigo” conhecimento, DST, como sendo algo negativo e de aspecto patológico e a IST, o “novo” conhecimento, como algo passível de tratamento.

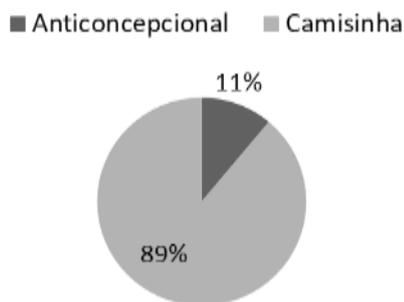
As respostas “sim. DST poderia já conter o vírus em seu corpo e a IST, é uma infecção que você pega após uma relação sexual ou o contato com sangue, etc.”, “Sim, a doença vem através da infecção que vem através da relação sexual” e “DST é quando a pessoa vai fazer o ato sexual sem nenhuma proteção. IST a maioria das vezes se manifesta” representam o universo “causa x efeito”.

Nessa última resposta, é possível perceber que há certa confusão de conceitos. O aluno associa a DST como consequência imediata à relação sexual sem preservativo, e a IST como uma infecção que se manifesta na maioria das vezes. Não considerando que o indivíduo possa estar infectado com o agente etiológico da doença e não apresentar sintomas. O universo menos representativo foi “tempo de incubação” (3%) e teve apenas uma resposta: “DST é uma doença que

pode ser transmitida sexualmente e as ISTs é transmitida sexualmente depois de algum tempo”. E 11% não respondeu.

Em relação ao método mais eficiente para se prevenir ISTs, as respostas mais citadas foram anticoncepcional e camisinha (Figura 4). Este resultado evidencia que um dos objetivos da oficina, advertir os alunos quanto ao principal método de prevenção ao contágio das ISTs, foi alcançado.

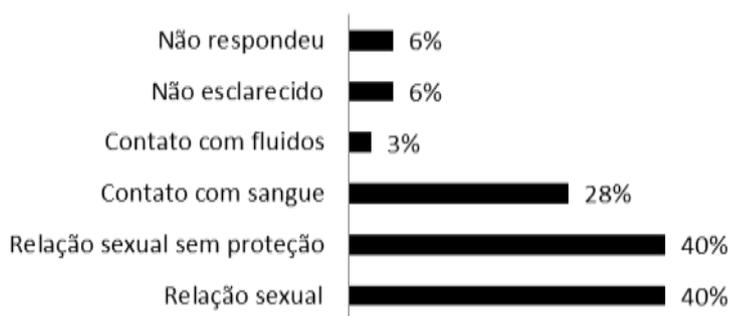
Figura 4– Proporção de respostas para os métodos preventivos mais eficazes.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Concernente à forma de aquisição da AIDS, as respostas giraram em torno de seis universos observado na Figura 5.

Figura 5 – Universos de justificativas às formas de aquisição da AIDS.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Os universos mais representativos (40% cada) referiram-se à relação sexual em si, e a relação sexual sem proteção, como pode ser visto em: “Quando seu companheiro (a) tem essa infecção e transmite pelo ato sexual sem camisinha”, “Através de relações sexuais”, “Tendo o contato sexual sem preservativo com pessoas que contém o vírus”, “Fazendo sexo sem camisinha, mais só adquire se seu parceiro tiver” e “Se não usar camisinha, e o parceiro tiver, pega. É claro

que isso ninguém pega com o vento, tem que ser na relação sexual”. Uma das respostas chamou atenção “*É quando o rapaz tem e pratica o ato sexual sem camisinha*” pois se assemelhou com a situação fictícia do estudo de caso trabalhado sobre AIDS.

As demais respostas referiram-se ao contato com sangue ou fluídos de pessoas que estejam infectadas. 6% não respondeu ou não entendeu.

Azevedo et al (2014), ao pesquisar o que a literatura científica tem abordado acerca das doenças sexualmente transmissíveis relacionado ao escolar da educação básica no Brasil, identificou que, apesar do tema ser bastante difundido e reconhecida sua relevância, é pouco esclarecido pelos jovens, principalmente no que se refere ao modo de transmissão e contaminação. Isso se deve, na maioria das vezes, porque as atividades relacionadas ao tema sexualidade são pontuais e não contínuas, além da dificuldade de se falar sobre isso no ambiente familiar (NERY, 2015).

Martins (2006) ao investigar em seu trabalho fatores associados ao conhecimento de DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, constatou, através da análise múltipla por regressão de Poisson que maior escolaridade (Ensino Médio), sexo feminino, estudar na escola privada, ser branco(a), ser solteiro(a) foram fatores associados positivamente a um maior conhecimento sobre prevenção de DST/AIDS.

Conclusões

De forma geral foi observado que, além de tratar das questões específicas de prevenção e transmissão das IST/AIDS, questões como respeito pelo próximo, autonomia de escolha, auto cuidado, namoro e outros que fazer parte do cotidiano dos jovens também foram tratados, visto que a sexualidade não é formada exclusivamente pela dimensão biológica, mas também pelas dimensões psíquica e social.

A oficina temática também permitiu a diversificação do estímulo da aprendizagem, visto que possibilitou aos alunos sair da rotina de aulas expositivas e participar de uma atividade que tratava de um tema que os interessava por fazer parte de seu cotidiano. A partir de debates e problematizações que resultariam em construir e organizar o conhecimento de forma clara e coesa, e utilizar esse novo conhecimento resignificado para promover a conscientização dos demais alunos do ambiente escolar através de cartazes.

Referências

ALTMANN, V. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**. Ano 9. 2000.

AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. Nova Iorque: Grune & Stratton, 1963.

AZEVEDO, B. D. S. et al. Análise da produção científica sobre doenças sexualmente transmissíveis e sua relação com a saúde escolar no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.30, n.03, p.315-334, Julho-Setembro 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias**. Brasília: MEC / SEMT, 58 p. 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Marco Legal: saúde um direito de adolescentes**. 1.^a edição 1.^a reimpressão Série A. Normas e Manuais Técnicos, Brasília – DF 2007.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm. Brasília** (DF), v. 57, n. 5, set/out 2004.

DIMENSTEIN, Gilberto. “Estudo relaciona falta de escolaridade com gravidez”. **Folha de S.Paulo**, 4 out. 1999. Caderno Campinas, p. 4.

FONSECA, J. D; MENDES, R. R. L. Oficinas pedagógicas: analisando sua contribuição para a formação inicial de professores de Ciências e Biologia. **Ciência em Tela**, Vol.5, nº1, 2012.

GODOY, A.S.; A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 4, p. 65-71, Jul./Ago. 1995.

LIMA, D. B. **O ensino investigativo e suas contribuições para a aprendizagem de genética no ensino médio**. 2012. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARTINS, L. B. M. et al. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 315-323, fev, 2006.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 29, p.16, 2006.

NERY, I. S. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paul Enferm.** v. 28, n. 3. 2015.

SILVA, S. P. C. et al. Discutindo Sexualidade/Ist no Contexto Escolar: Práticas de Professores de Escolas Públicas. **Revista de Enfermagem UFPE online**. Recife, novembro de 2016.

SOUZA, V. A. **Oficinas Pedagógicas como Estratégia de Ensino: Uma Visão dos Futuros Professores de Ciências Naturais**. 29 f. - Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, 2016.

STUART, R. C.; MARCONDES, M. E. R. Atividades experimentais investigativas: habilidades cognitivas manifestadas por alunos do ensino médio. In: Encontro Nacional de Ensino de Química, 14, Curitiba, 2008. **Resumos...** Curitiba, 2008.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009, p 18.